

O texto do *Liber de Fide Trinitatis* reproduz estritamente aquêlo do único testemunho manuscrito descoberto por Uccelli em 1869, o *Vat. lat. 308*. A primeira edição respeita a ortografia dêsse manuscrito. A citação das fontes procura precisar a relação do *Libellus* com a fonte grega referida nas passagens retidas e estudadas por São Tomás: pode-se procurar aí os processos do compilador, que pesou bastante na leitura e no julgamento de São Tomás.

Os *Índices* distinguem os autores citados por São Tomás e os referidos pelo editor; o mesmo acontece com o *Libellus*. O texto dêste não deixa de ter interêsse para o filólogo, pois que representa uma tradução do grego para o latim; ao *Índice* dos têrmos latinos não usados comumente pelos autores clássicos foi acrescido um *Índice* dos 105 têrmos gregos transliterados em caracteres latinos.

Pode-se verificar que espécie de leitores variados êsse primeiro fascículo pode interessar: teólogos, atentos à reação de um São Tomás em face da diferença dogmática entre gregos e latinos; historiadores das relações entre as duas comunidades cristãs do Oriente e do Ocidente, e do papel que desempenhou o isolamento entre as duas culturas; filólogos enfim, curiosos dos *avdtars* do latim medieval em face dos problemas de tradução.

E. S. P.

* *
*

PREVOST (André). — *Thomas More et la crise de la pensée européenne*. Name Editeur. Lille. 1969.

E' sempre difícil estabelecer um nexó entre os grandes movimentos filosóficos e o ambiente social e psicológico que os viu nascer. Ora, supervalorizando o aspecto filosófico, esquece-se da influência que êste recebe da conjuntura histórica; ora, salientando o aspecto histórico, corre-se o risco de não ver a individualidade dos grandes pensadores.

De um e outro escolho, hãbilmente se livrou André Prevost ao escrever sua obra *Thomas More et la crise de la pensée européenne*. Com rara felicidade soube descrever a Inglaterra dos Tudor, sondando suas profundas aspirações de independência intelectual, que chegaram a produzir a ruptura com o teocentrismo medieval.

E ao colocar o chanceler Thomas More como centro da atividade cultural inglêsa na sua época, soube escolher muito acertadamente, pois, poucos pensadores contemporâneos seus poderiam apresentar uma tão variada antologia: ensaios de política, biografias, peças teatrais, diálogos morais e tratados de exegese bíblica, ao lado de vasta correspondência com Erasmo de Rotterdam, Tyndale e Lutero.

Começa o autor por analisar a formação humanista de More, seu contáto com Erasmo e as influências que mútuamente intercambiaram. Compara sutilmente a *Utopia* de More ao *Elogio da loucura* de Erasmo, mostrando que ambos desejavam

uma reforma da mentalidade reinante, porém More a queria com muito mais equilíbrio e o pensador holandês era um radical.

Humanista, entusiasta dos estudos clássicos, More desejava um retôrno aos grandes mestres da Filosofia grega e um estudo aprofundado da Bíblia, opondo-se tenazmente à Escolástica decadente que, desvirtuando o pensamento de São Tomás de Aquino, caíra num nominalismo silogístico estéril e irritante.

Porém não acompanhou Tyndale quando êste, nas pegadas de Lútero, passou a atacar violentamente o magistério da Igreja. Grande número de estudos históricos e exegeticos de More apresentam um tom marcadamente apolegético, pois defendia uma “via média” entre o acatamento da Igreja, de um lado, e o recurso às fontes bíblicas, de outro lado.

Porém Tomas More mantém a serenidade de um diálogo com seus opositores, apenas utilizando as armas de uma fina ironia, quando temia se tornar enfadonho ao leitor.

Por seu estilo ameno e equilibrado, More coloca-se entre os grandes adeptos da tolerância, que aliás imaginava em sua ilha da *Utopia*, como uma instituição de seus pacíficos e amáveis cidadãos.

Não perde porém André Prevost a visão da sociedade naquela época: em profundas fibras da alma inglêsa percebe as origens do movimento contestatário, que, apesar dos esforços conciliatórios de More, atingiu o climax com o *affaire Anne Boleyn*, que então se insere no seu verdadeiro contexto histórico e até psicológico, ponto de chegada e não ponto de partida de um processo histórico.

E’ uma época de grande crise ideológica que se apresenta a nossos olhos: a Inglaterra mergulhada na atmosfera teocêntrica medieval procura romper os laços que a prendem à Igreja, à procura de uma nova filosofia, nos Tempos Modernos.

O estudo de uma época tão interessante, feito também em função de um homem que viveu os seus problemas é da maior importância para se conhecer a inter-relação entre a psicologia da massa, as estruturas sociais e a maturação das idéias filosóficas.

Daí a grande oportunidade da leitura da obra, pois nossa época tem muitas analogias com a Renascença pois ela também é uma éra de crise ideológica e de contestação de valores secularmente admitidos.

E, ao final da leitura, talvez tenhamos em Thomas More o modelo de equilíbrio, também para a nossa época, feitas as adaptações devidas ao nosso horizonte histórico.

CLÁUDIO DE CICCO.

* *
*